

# GEOGRAFIA E MANUAIS ESCOLARES NO SÉCULO XIX

*LA GÉOGRAPHIE ET LES MANUELS AU XIXE SIÈCLE*

## **EDUARDO JOSÉ PEREIRA MAIA**

*Licenciado em Geografia (UERJ), Mestre em Educação (UFF) e Doutor em Educação (UFMG)*

*Professor do Departamento de Geografia da UFRJ*

*ejpmaia@gmail.com*

**RESUMO:** ESTE ARTIGO PRETENDE FAZER UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR. TRATAREI AQUI DO PERÍODO DE TRANSIÇÃO ENTRE O QUE FOI CONVENCIONADA “GEOGRAFIA CLÁSSICA” E A GEOGRAFIA MODERNA. APRESENTAREI INICIALMENTE UM PANORAMA ACERCA DOS MANUAIS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA UTILIZADOS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS A PARTIR DE 1817, PUBLICADOS NO BRASIL OU NO EXTERIOR. É IMPORTANTE ESCLARECER, NO ENTANTO, QUE EM MUITOS MANUAIS DOS OITOCENTOS CONSTAM, EM SUAS APRESENTAÇÕES, INSCRIÇÕES DE ADOÇÃO PARA O USO NOS LICEUS DAS PROVÍNCIAS E NO COLÉGIO PEDRO II OU, AINDA, QUE OS TAIS MANUAIS FORAM COMPOSTOS PARA USO DAS ESCOLAS E DA JUVENTUDE BRASILEIRA. É MUITO PROVÁVEL QUE ESSAS INFORMAÇÕES SE TRADUZISSEM EM REAL UTILIZAÇÃO DOS MANUAIS DIDÁTICOS NOS REFERIDOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO, ENTRETANTO, AS RECOMENDAÇÕES ENCONTRADAS NAS FONTES PESQUISADAS SOBRE O USO DESSES MANUAIS SE RESTRINGIRAM A UNS POUCOS. ANALISAREI MAIS DETIDAMENTE DOIS COMPÊNDIOS DE GEOGRAFIA, QUE FORAM UTILIZADOS NO COLÉGIO IMPERIAL PEDRO II E INDICADOS PARA OS LICEUS E COLÉGIOS DAS PROVÍNCIAS DO IMPÉRIO.

**PALAVRAS-CHAVE:** GEOGRAFIA ESCOLAR; MANUAL DIDÁTICO; COROGRAFIA.

**LE RÉSUMÉ:** CET ARTICLE A L'INTENTION DE REPRENDRE UNE RÉFLEXION SUR LA CONSTITUTION DE LA GÉOGRAPHIE SCOLAIRE. JE VAIS ABORDER ICI LA PÉRIODE DE TRANSITION ENTRE CE QUI ÉTAIT CONVENTIONNÉ LA « GÉOGRAPHIE CLASSIQUE » ET LA GÉOGRAPHIE MODERNE. DANS LE PREMIER MOMENT, JE PRÉSENTERAI UN APERÇU DES MANUELS DE GÉOGRAPHIE UTILISÉS DANS LES ÉCOLES BRÉSILIENNES À PARTIR DE 1817 ET PUBLIÉS AU BRÉSIL OÙ À L'ÉTRANGER. CEPENDANT, IL EST IMPORTANT DE PRÉCISER QUE DANS LES NOMBREUX MANUELS DES ANNÉES HUIT CENT COMPRENENT DANS LEURS PRÉSENTATIONS DES INSCRIPTIONS D'ADOPTION POUR UNE UTILISATION DANS LES LYCÉES DES PROVINCES ET DANS LE COLLÈGE PEDRO II, OU MÊME, QUE CES MANUELS ONT ÉTÉ COMPOSÉS POUR L'UTILISATION DES ÉCOLES ET DES JEUNES BRÉSILIENS. IL EST TRÈS PROBABLE QUE CETTE INFORMATION SE TRADUIRAIT PAR UNE UTILISATION RÉELLE DES MANUELS SCOLAIRES DANS CES ÉTABLISSEMENTS D'ENSEIGNEMENT, CEPENDANT LES RECOMMANDATIONS TROUVÉES DANS LES SOURCES ÉTUDIÉES SUR L'UTILISATION DE CES MANUELS ONT ÉTÉ LIMITÉES À QUELQUES-UNS. J'ANALYSERAI PLUS ÉTROITEMENT DEUX RECUEILS DE GÉOGRAPHIE, QUI ONT ÉTÉ UTILISÉS DANS LE COLLÈGE IMPERIAL PEDRO II ET INDIQUÉS POUR LES LYCÉES ET LES COLLÈGES DES PROVINCES DE L'EMPIRE

**MOTS-CLÉS:** GÉOGRAPHIE SCOLAIRE; MANUEL DIDACTIQUE; COROGRAPHIE.

## INTRODUÇÃO

Neste texto irei fazer referências há alguns autores e manuais do período, porém dedicarei atenção especial a dois livros que constam das listas de indicação escolares do século XIX. Um deles adotado no Liceu Mineiro, e o outro, no externato de Uberaba. Trata-se do *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil* de Thomaz Pompêo de Souza Brasil, editado pela primeira vez em 1856 e com aprovação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em sessão do dia 1º de julho de 1853, e do *Curso Methodico de Geographia Physica, Politica e Astronomica* do Dr. Joaquim Maria de Lacerda, editado em 1880, com sua segunda edição em 1881. Para fins deste artigo, utilizei as edições de 1864 do *Compendio Elementar de Geographia* do Senador Pompêo e a de 1884 do *Curso Methodico de Geografia* do Dr. Lacerda. Na análise, procurei distingui-los de outros manuais do século XIX e destacá-los pelas nomenclaturas, temas e conteúdos que identifiquei para época como constituintes da disciplina escolar Geografia. A minha primeira reflexão será sobre a distinção entre a corografia e a geografia, presentes nos compêndios e manuais didáticos e buscarei identificar como a Geografia se constitui como uma disciplina escolar moderna.

## OS MANUAIS DE GEOGRAFIA E COROGRAFIA DO SÉCULO XIX

A partir de 1831, a Geografia, juntamente com a História, começa a fazer parte efetiva das matérias a serem ensinadas nas províncias e na corte: uma exigência nos exames de acesso às academias jurídicas do Império (HAIDAR, 2008) e, em 1837, no decreto de criação do Colégio Pedro II de 02 de dezembro, ela surge como “princípios de geographia” e foi incluída na parte de estudos modernos.

Já a corografia, expressão que consta do título da obra de Aires de Casal: *Corografia Brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil* de 1817 aparecerá novamente em “*Corografia paraense ou descrição física, histórica, e politica da Provincia*

*do Gram-Pará*, de Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, editado na Bahia em 1833 e “*Chorographia do Brazil*”, de João Feliz Pereira, editado em Lisboa pela Imprensa de Lucas Evangelista, em 1854. Porém, a Corografia só terá conotação de matéria escolar em 1855, segundo o regulamento aprovado pelo decreto imperial nº 1556. A partir desse período, passam a existir duas matérias: geografia e corografia, que compõem os conhecimentos sobre as paisagens dos lugares, a superfície da Terra, a descrição física e humana geral e, em especial das províncias, e, ainda, a sua história. Desde então a presença da geografia nos programas escolares do Colégio Pedro II e nos Liceus foi constante. Nas províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro e na Corte, por exemplo, mantiveram cem por cento de regularidade até o final do Império.

Não há dúvidas quanto à importância do conhecimento geográfico e da geografia enquanto disciplina escolar durante o século XIX, não somente pela presença no currículo escolar, mas, sobretudo, pelo grande número de manuais escolares publicados nesse período.

No levantamento realizado em 2014, encontrei em torno de cento e trinta e oito referências, das quais foram analisadas cento e vinte e dois entre livros de Geographia, chorographia, atlas e dicionários que contem indicações de uso escolar ou que foram utilizados reconhecidamente para esse fim. As pesquisas revelaram inúmeras referências que os manuais teriam sido empregados para o ensino de geografia em escolas primárias e secundárias ou que exibiam a informação “de uso escolar”. Entre os títulos aparecem as denominações: compendio, lições, ensaio, tratado, epítome, noções, curso, princípios, resumo, rudimentos, pontos, elementos, esboço, corographia e geographia. Esses manuais foram escritos por pelo menos 61 autores, o que significa que alguns deles escreveram dois ou mais títulos distintos. Entre os autores que publicaram três livros ou mais estão Joaquim Maria de Lacerda com sete diferentes títulos; Sebastião Paraná e Alfredo Moreira Pinto com quatro publicações; e Thomaz Pompêo de Souza Brasil e Manuel Pereira de Moraes Pinheiro, com três livros cada.

Oitenta e cinco por cento dos manuais didáticos de Geografia do século XIX foram publicados entre 1850 e 1899, sendo 48% nos anos de 1850 a 1880, e 52% entre 1881 e 1899. A maior ocorrência temática com 44 títulos foi de Geographia do Brasil ou do Império Brasileiro, com 43%, e as publicações de caráter regional, referentes à geografia ou corografia das províncias, contam com 25 manuais, o equivalente a 28%.

O gráfico seguinte mostra a distribuição destes os outros títulos dos manuais escolares de geografia do século XIX:

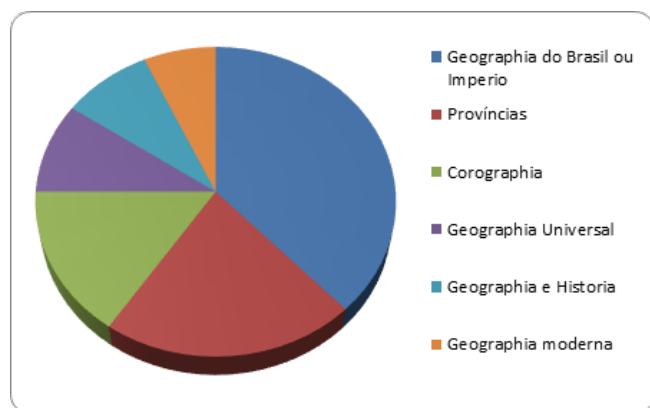


Gráfico 1 | Títulos dos manuais  
Fonte: O autor, 2014.

Esse panorama serve para nos oferecer uma ideia inicial de como a geografia era conhecida ou apresentada nas escolas secundárias, primárias e normais no século XIX. Pode-se afirmar que o número de livros de Geografia dedicados ao uso escolar era maior quando comparados a outras matérias. Para termos uma noção, em todo século XIX os manuais dedicados ao ensino da matemática foi de aproximadamente 125, enquanto o número de livros destinados ao ensino da História, não chegou a 80 títulos (TAMBARA, 2003)

É indispensável, entretanto, destacar que a presença da corografia tinha o objetivo de descrever o Brasil e, também as províncias, tanto no que tange aos aspectos físicos e humanos, quanto à cronologia e a história, e era composta, portanto, por conhecimentos no campo da história e da geografia.

A narrativa cronológica permitia trazer o estatuto jurídico à ideia de Brasil e de território nacional. Resta saber, quais eram os conteúdos ou

saberes que encontraremos nessa farta publicação de manuais escolares. Saber se o lugar de destaque da geografia se justifica pelo próprio objeto de investigação, o espaço, o território? Saber das finalidades dessa matéria, conhecer os lugares do Império brasileiro e das províncias? Definir qual o limite territorial da nação?

Comecei a responder as essas questões recorrendo aos próprios manuais. Alfredo Moreira Pinto (1883, 1895) em seu manual escolar (Chorographia do Brasil), define que Coreografia é a descrição de um país ou de um estado e trata de temas históricos e geográficos. Na introdução, o autor inicia o parágrafo da seguinte maneira:

*noticia história – descoberta a parte septentrional da America do Sul por Chistovão Colombo, que n'ella tocou em sua terceira viagem era questão de tempo a descoberta de todo o continente. Como quer que seja, foi o Brasil descoberto pelos hespanhoes em principios de 1550 e a 22 de abril do mesmo anno, pelo portuguez Pedro Alvarez Cabral. (1883, p. IV)*

Ao referir-se ao Brasil Alfredo Pinto principia com a descrição cronológica sobre o país. Em uma abordagem histórica diacrônica que estende até 1821 não consta na introdução de sua narrativa a descrição dos aspectos que poderíamos chamar de geográficos. No entanto, na seção referente às províncias, ocorre exatamente o inverso, a referência é ao território. No capítulo que trata de Minas Gerais, por exemplo, a referência é direta ao território. Além de iniciar o capítulo com um mapa, descreve os limites, a localização e a superfície, menciona brevemente a constituição da capitania e continua com a descrição física: solo, relevo, clima, rios e cidades (localização, limites, relevo). Uma demonstração de que os elementos espaciais ou geográficos eram fundamentais para o conhecimento do Brasil no século XIX.

Em *Noções Preliminares de Corographia da Provincia do Ceará*, de 1888, José Pompeu de A. Cavalcanti, destaca:

*Por Chorographia entende-se a descrição de uma parte limitada da terra, como um Estado, uma provincia, etc.*

*A chorographia se divide em physica e politica. Chorographia physuca trata das divisões naturaes do territorio, que descreve, da sua configuração, da accidentação da superfície, das suas producções, dos phenomenos meteorológicos, que se dão na atmosphaera, do clima [...]*

*A chorographia politica estuda a sua classificação como Estado ou provincia, a suas divisões leaes ou convencionaes, a sua população, as condições Moraes de seus habitantes, costumes, língua, religião, agricultura, industria, comercio, riqueza, vias de comunicação, instituições, legislação, historia [...]*

*Na chorographia physica ha a estudar a parte solida e a parte liquida da região, de que se occupa. (CAVALCANTI, 1888, p. VII)*

No trecho de Cavalcanti, encontra-se uma explicação abrangente do que ele compreendia como corografia. Ao considerar a corografia como descrição, ele estende a concepção aos aspectos físicos e políticos. O que Cavalcanti propõe é a descrição dos fenômenos ou eventos geográficos e, neste sentido, lhe cai bem a definição grega de Khorographos (1587): o que descreve a geografia de um lugar, uma definição que não difere do significado presente nos dicionários dos Séculos XVIII e XIX.

Segundo o dicionário de Bluteau e Silva (1789, pág. 332 e 658), corografia quer dizer “descrição particular de algum reino, ou região” e a Geografia, “descrição das terras e mares, seus rumos, distancias, confrontações, situação, &c. § Diz-se geografia politica, a que dá razão as divisões dos estados, formas de governo [...]”. À primeira vista, na definição apresentada no dicionário, parece não haver muita diferença entre as duas, entretanto podemos observar que a corografia trata de uma descrição particular, uma descrição pormenorizada de uma região ou lugar, no caso as províncias. Já o dicionário de Antônio de Moraes

Silva, de 1899, nos fornece a seguinte definição “(do Gr. Chóra, paiz, e graphós eu descrevo). Descrição, representação de alguma região de um paiz, de uma porção grande de território”. (SILVA, 1899, p. 269)

O pesquisador Jean Marc Besse trata como “um inventário minucioso das realidades próximas [...]” (2000, p. 22). Ainda, para esse autor, a Corografia é uma arte de atenção aos pormenores e uma arte do inventário. É certo que na primeira metade no século XIX no Brasil a corografia constitui uma parte significativa das publicações sobre as províncias e o Império. De fato, as fontes revelaram que a maior parte dos manuais didáticos sobre as províncias tinham em seu título o nome corografia. Pelo menos oito títulos foram publicados como Corografia do Brasil, incluindo uma obra do Dr. Joaquim Maria de Lacerda, de 1887, intitulada *Resumo Chorographia do Brazil*.

Em *Resumo de Chorographia do Brazil* (1887), em versão revisada e ampliada, o editor adverte ao leitor que “a presente obra é extraída do Curso methodico de geographia do Dr. Lacerda. Essa advertência indica que a chorographia fazia parte da geographia ou podia ser considerada uma etapa da construção do conhecimento geográfico. Um detalhe informado na nota reforça a importância da corografia no período.

*O Resumo de Chorographia do Brazil, póde ser de grande proveito não só aos estudantes de preparatórios e **candidatos a empregos públicos**, como tambem a todos os que desejarem conhecer este bello e bem fadado paiz. (p. VI).*

No século XIX era frequente a oferta de empregos públicos que exigiam dos candidatos as matérias de princípios gerais de geographia e historia do Brasil<sup>1</sup>. Vimos a sugestão do editor que se refere à geografia em um manual de corografia, mas como não havia exigência para esta matéria em concursos públicos reforça-se a tese de que a corografia poderia ser considerada como uma etapa ou parte do conhecimento geográfico e da geografia. Além disso, vimos também que há

uma possibilidade de que os manuais didáticos tenham sido utilizados fora do ambiente escolar, satisfazendo a curiosidade daqueles letrados interessados em conhecer o Brasil<sup>2</sup>.

Em uma reflexão mais atenta e com o auxílio da literatura dedicada ao tema, foi possível identificar que não havia inicialmente diferença no método entre a Geografia e a Corografia, mas havia diferença de escala e objeto. A corografia trata da descrição da paisagem (*Landschaft*) enquanto a geografia trata da descrição da superfície da Terra e compreende as grandes massas, ou grandes conjuntos como os continentes, países, mares, populações, raças, limites territoriais. A geografia, entretanto, abordava não só as regiões em particular como todo o globo. Assim foi compreendida, no início do século XIX, pelo menos antes dos trabalhos de Karl Ritter e Alexander Von Humboldt. Segundo Moreira (2008), Karl Ritter transformou a corografia em estudos comparados da paisagem e Humboldt foi responsável por trazer a explicação das diferenças, de forma organizada e sistemática. Em o *Cosmos – Essai D'une description physique du monde*<sup>3</sup> irá apresentar os argumentos para a compreensão das leis da natureza e do princípio de unidade que se revela na vida universal da natureza.

A partir desta perspectiva, pode-se compreender a corografia como um estágio da geografia e isso não quer dizer que a esteja tornando menor. No entanto, pode-se afirmar com nível de segurança razoável que tanto a geografia quanto a corografia do início do século XIX atendiam aos seus próprios propósitos: a geographia dedicando-se dos assuntos gerais e a corografia, ocupando-se exclusivamente da descrição do Império e, mais particularmente das províncias, inclusive quanto à introdução histórica. Nota-se, portanto, que o relato histórico dos manuais de corografia e até mesmo nos de geografia eram mais concisos quando comparados os manuais aos textos didáticos dedicados ao ensino de história<sup>4</sup>. Essa comparação foi feita em 2014 com a obra de Vanhagem, *História Geral do Brasil*, publicado em 1854.

Ao considerar a corografia do século XIX como um estágio e as descrições da paisagem e os

estudos da geografia regional como seu principal objeto, estamos assumindo que as contribuições corográficas nos trabalhos de geografia foram imprescindíveis, porém não pela mudança em seu método descritivo, mas, sobretudo, pela sua permanência. Essa reflexão ajuda a compreender a construção do conhecimento geográfico e da geografia escolar na longa duração (BRAUDEL, 1990) no sentido de que não há rupturas que justifiquem a existência de duas ciências e indica que não há possibilidade de compreensão da geografia sem o reconhecimento da versão escolar.

Por não haver um sistema articulado de conhecimento entorno da corografia, ela é a própria descrição presente nas crônicas e nos relatos de viagens ou extraído dos manuais de história. Mesmo quando ela se torna disciplina, em 1855, não se formou, a exemplo de outras matérias escolares, um grupo socialmente reconhecido que discutia sobre as questões corográficas. E o simples fato da existência de um manual didático destinado ao seu ensino não foi uma condição para garantir a sua institucionalização, como campo de conhecimento ou uma matéria escolar.

Neste sentido, os manuais de geografia exerciam um papel preponderante e diferia das *Corographies* que tinham como objetivo fazer apenas uma descrição orientada pelas paisagens ou fatos históricos. Os compêndios de geografia traziam em seus conteúdos as definições necessárias à compreensão da ciência, as noções correntes sobre determinados estudos específicos, no caso da cosmografia e astronomia, as classificações de grupos sociais e de nações e as dimensões física e política do território.

De fato, o que nos interessa, e que talvez seja mais importante para esse estudo, foi identificar quais são os sinais da existência da geografia moderna nos manuais didáticos ou o que se entendia sobre geografia moderna.

## **A GEOGRAFIA NOS MANUAIS DE JOAQUIM MARIA DE LACERDA E THOMÁZ POMPEU DE SOUZA BRASIL**

Os manuais didáticos integram dois discursos distintos e complementares. Um referente



ao seu próprio texto o conteúdo da própria matéria escolar e outro o discurso pedagógico, que é constituído por notas explicativas, questionários, resumos, exercícios propostos que indicam quais e como os conhecimentos deveriam ser apreendidos pelos alunos.

No caso das notas de rodapé, que formam uma parte importante nas duas obras apresentadas nesse estudo, os autores esclarecem que têm como objetivo aclarar algumas dificuldades do texto e contém notícias preciosas que não podem ser excluídas, pois, sem estas, não seria possível aos alunos aprenderem. Lacerda (1884), particularmente, inclui também uma explicação sobre o uso dos tipos, ele utiliza o tipo maior para as coisas necessárias, indispensável e que o estudante de Geografia deve saber, e faz uso do menor para as coisas que considera menos importantes aos escolares, mas que são dirigidas aos estudiosos que desejam adquirir um conhecimento mais perfeito da geografia e das ciências auxiliares.

Quanto ao conteúdo dos manuais, a distribuição é feita da seguinte forma: o Dr. Lacerda divide o *Curso Methodico* em três grandes partes. **A geographia geral** oferece uma descrição física e política de cada uma das cinco partes do mundo. Na descrição física vem declarados os limites, a posição, a superfície, o aspecto geral, o clima, as produções, os países, os mares, os golfos, os estreitos, as ilhas, as montanhas, os lagos, os rios etc. de cada parte do mundo. Na descrição política, trata-se da sua importância, população, raças, línguas, religiões e formas de governo. **A geographia particular** trata de cada país em especial, expondo a sua história geográfica, a sua posição, limites, superfície, população, raças, línguas, religião, governo, divisão administrativa, aspecto geral, clima, produções, indústria, comércio, vias de comunicação, instrução pública, cidades principais, possessões. A Geografia do Brasil é tratada mais difusa e circunstanciadamente do que a de qualquer outro país. **A Cosmographia**, a que o autor deu particular atenção, vai enriquecida de grande número do que ele mesmo chama “curiosidades e interessantes problemas”.

O *Compendio Elementar* (1864) do Senador Pompêo, também é dividido em três partes, temos a primeira que contém 18 capítulos. Primeiro ele trata das noções gerais que é a “sciencia Geographia” e suas “sciencias acessórias”: Cosmographia, Astronomia, Geologia, Mathematica, Topographia e Ethonografia. A segunda parte chamada de descritiva é dividida em cinco grandes seções das cinco grandes partes do mundo. Cada seção é subdivida em geografia geral e particular. A geografia geral tem dois capítulos, um que descreve a parte política e outro que descreve a física. Em cada uma das seções a sequência é sempre a mesma: Europa, Ásia, África, América e Oceania. A parte terceira e a maior do manual tem o título *Imperio do Brasil e America Meridional*, distribuída em vinte e nove capítulos exclusivamente dedicados ao Brasil.

Nota-se que a preocupação dos autores, pelo menos o que estava expresso em suas obras, é a transformação do Brasil em uma nação civilizada e garantir através do território uma unidade que permitisse ao país não ser somente uma nação, mas a mais influente do mundo.

*Dai-me a carta de um paiz, sua configuração, seu clima, suas águas, seus ventos e toda sua geographia physica; informai-me de suas producções naturais, de sua flora, de sua zoologia, etc., e eu me comprometto a dizer-vos a priori qual será o homem deste paiz, e que lugar gozará na historia. (COUSIN apud POMPÊO, 1864).*

*[...] o estudo da Geografia vai tomando um desenvolvimento immenso em todos os paizes civilizados, que a consideram com razão um dos conhecimentos mais importantes e essenciaes para prosperidade e força de uma nação, julgamos que também no Brazil, que se ufana de ser a primeira nação em todos os sentidos da America do Sul e uma das mais civilizadas do globo, este estudo deveria tomar maior incremento e não contentar-se com pequenos compêndios [...] (LACERDA, 1884).*

Esses dois trechos da parte introdutória dos respectivos manuais destacam a intenção objetiva em colocar a geografia e o conhecimento geográfico em lugar de destaque. E que os conteúdos propostos deferiam atentar-se para as grandes finalidades (CHERVEL, 1990) da educação escolar, a formação de uma sociedade civilizada e moderna.

Os autores, além de manterem o caráter descritivo das obras e manuais anteriores, introduziram novas reflexões e métodos novos aos seus trabalhos. Na introdução do *curso methodico* o Dr. Lacerda enfatiza a importância das noções preliminares quando destaca que é

*absolutamente indispensável para a inteligência da Geographia, a saber: algumas definições geométricas, ligeiras noções de Cosmographia, definições dos termos relativos à Geographia, principais produções do globo, e classificação dos homens quanto às raças, religiões, estado de civilização e formas de governo. (LACERDA, 1884, p. 5).*

O mesmo acontece no *Compendio Elementar de Geographia*. O Senador Pompêo, ao fazer citações e dar créditos às pesquisas realizadas por Humboldt e Leqoc<sup>5</sup> referidas nas páginas 56 e 61 mostra conhecimento sobre autores, temas e mostrar que teve acesso às publicações de estudos realizados no exterior. Essa é uma constatação de que não nos leva a aceitar com facilidade a ideia de que os manuais didáticos de geografia do Século XIX fossem simples cópias das produções europeias. O mesmo pode-se dizer com relação ao uso de dados estatísticos e do resultado das expedições científicas realizadas durante o Império.

Embora os trabalhos de Humboldt tenham contribuído sobremaneira para redefinirem o papel da Geografia no século XIX, reconhecemos que nem sempre esses trabalhos foram apropriados pelos autores dos manuais escolares, no Brasil e mesmo no exterior. Muitos textos para fins didáticos ainda conservavam aquela forma de descrição da paisagem sem critérios comparativos e sem organização sistemática, ou seja, a corografia.

Em razão disso, autores como Isler (1973), Pereira (1989), Rocha (1994), Maia (2003) tinham em conta que os manuais de geografia escolar do século XIX eram apenas mera reprodução dos europeus, principalmente os franceses. Aliás, uma concepção compartilhada por autores de outras áreas (HAIDAR, 2008; BITTENCOURT, 2008). Todavia, devo destacar que essa forma de produção de manual didático descritivo oferece muita possibilidade de reflexão, não estamos dizendo que não houvesse cópias e transcrições de textos considerados clássicos e desconhecidos do público leigo, mas que isso não significava exatamente um problema. Na verdade, no século XIX eram muito comuns as traduções, reproduções e transcrições, inclusive foi objeto estudo de Neves e Ferreira (2010). Com uma legislação incipiente e nenhuma fiscalização, as cópias, em muitas áreas, acabavam sendo um serviço útil, ou seja, a disponibilização de textos para um público que não tinham acesso às produções originais.

Na análise dos compêndios, verifiquei a similaridade com os programas de ensino das reformas educacionais de 1854 e 1880, as definições dos autores acerca da geografia e como essa ciência era considerada fundamental para desenvolvimento da nação.

Na quarta edição de *Compendio Elementar* (1864), o autor informa aos leitores:

*Para a revisão desta edição, recorreremos aos mais modernos tratados da Geographia, revistas, annuaes estatísticos para os paizes europeus; e para o Brasil, além das memórias, e escriptos publicados pelo Instituto [...].<sup>6</sup> (BRASIL, 1864).*

Se os cursos de Geografia do ensino secundário eram uma passagem para o ensino superior, o mesmo não podemos dizer sobre os manuais didáticos. O *curso methodico* do Dr. Lacerda, por exemplo, na sua 9ª edição de 1910, tinha a seguinte inscrição: “curso superior”. Embora tivesse sido produzido para as escolas secundárias brasileiras, o manual foi utilizado nos cursos superiores. Uma vez que, já em 1880, havia

lançado o *Elementos de Geografia Physica, Politica e Astronomica*, destinado para uso das classes da instrução secundária, e *Geografia da Infância* destinado para o uso das escolas primárias, também de 1880. Ao que parece, a edição de 1910 foi a continuação do que se pode dizer de uma série que compunha textos para o ensino de geografia da escola primária ao nível superior.

## CONCLUSÃO

Nas obras, tanto do Dr. Lacerda, quanto do Senador Pompêo, constam os saberes geográficos e a informação de que foram produzidos para serem ensinados nas escolas de ensino secundário, a partir dos programas curriculares para o Pedro II e os Liceus das Províncias. Entretanto, temos clareza, assim como Bittencourt (2008), que os livros, sobretudo do século XIX, eram produzidos concomitantemente aos programas e aos conteúdos das disciplinas. Principalmente o compêndio do Senador Pompêo, homem influente do Império: foi Padre; Lente do Liceu Cearense e do Colégio Pedro II; membro do IHGB e Senador do Império. Esse fato parece bem comum durante o século XIX, pois outro exemplo dessa coincidência pode ser encontrado no artigo de Maria Adailza Martins de Albuquerque, de 2008, quando analisou o manual didático de Manoel Pereira de Moraes Pinheiro.

Encontra-se presente nos manuais as finalidades (CHERVEL, 1990) da geografia escolar na segunda metade do século XIX, propostas por aqueles que foram, além de escritores e professores, legisladores e editores. As obras, portanto, são impregnadas de ideais de civilidade e modernidade. Podem ser consideradas como uma primeira iniciativa de produção nacional de manuais de geografia, não só pelo anúncio feito pelos autores na introdução de cada uma delas, mas também por serem as únicas referências

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Autoria de livro didático de geografia em Pernambuco no século XIX: uma relação entre a legislação e a elaboração. *Terra livre*, ano 24, v. 2, n. 31 p. 163-171, jul./dez. 2008.

encontradas sobre o estudo de geografia escolar, contrariando a antiga tese de que os manuais didáticos eram traduções do Baccalauret. Isso também pode ser comprovado em análise das provas e exames dos alunos e licenciamento dos professores durante o Império. Estes exames indicam quase que em sua totalidade conhecimentos específicos sobre o território brasileiro e nem todas as informações constavam nos clássicos manuais de geografia universal.

Se o papel da história era enaltecer o passado tendo por base a construção de uma herança civilizatória, a herança da geografia está nas crônicas, relatos de viajantes e na corografia, e o papel da geografia no século XIX é enaltecer o presente. Nesse sentido, para a história, a urbanização e industrialização obriga os autores a definirem uma periodização, para compreender as transformações recentes. Para a geografia, ao contrário, a própria modernização e seus efeitos facultam o conteúdo para o seu ensino não havendo necessidade de diferença entre o moderno e o contemporâneo.

## NOTAS

<sup>1</sup> Vide concurso para amanuense da Thesouraria da Fazenda no anúncio do DIÁRIO DE MINAS, nº 35 datado de quarta-feira 11 de julho de 1866.

<sup>2</sup> A partir de 1881, David Augusto Corazzi publicou os primeiros volumes da biblioteca do povo e das escolas – entre os títulos publicados temos: *Geographia Geral* de 1881 e *Chorographia do Brazil* de 1882.

<sup>3</sup> Tradução do original Alemão: *Kosmos, Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*, Stuttgart et Tübingen, Cotta, 1845-62.

<sup>4</sup> A comparação foi realizada com os livros *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Vahagem e *Capítulo de História Colonial* de José Capistrano de Abreu.

<sup>5</sup> O Francês Henri Lecoq. Autor de *Éléments de géologie et d'hydrographie*.

<sup>6</sup> Referência ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).



- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra** – seis ensaios sobre a Paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar 1810-1910**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexão sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, v. 2, p. 177-229, 1990.
- HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. **O Ensino Secundário no Brasil Império**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- ISSLER, Bernardo. **A geografia e os estudos sociais**. 252f. Tese (Doutorado em Geografia)-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, UNESP, Presidente Prudente, 1973.
- MAIA, Eduardo José Pereira. A negação de um debate no currículo de Geografia do Ensino Básico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA. 7., Vitória, 2003. **Anais...** Vitória: UFES: 2003. p. 654-665.
- \_\_\_\_\_. **A geografia escolar na província de Minas Gerais no período de 1854-1889**. 198 f. Tese. (Doutorado em Educação e Inclusão Social)-Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2008.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos P. e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. Privilégios ou direitos? A questão autoral entre intelectuais e homens de Estado no Brasil do século XIX. In. BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (Org.). **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010.
- ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1839-1942)**. 294f. Dissertação (Mestrado em Educação)-PUC-SP, São Paulo, 1996.

## OBRAS DE REFERÊNCIA

- CASAL, Manuel Aires de. **Corografia Brasilica**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia / São Paulo: Edusp, 1976. (fac-símile)
- CAVALCANTI, José Pompeu de A. **Chorographia da Provincia** do Ceará. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.
- DICIONARIO da língua portugueza** composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva. Tomo I. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira. Ano M.D.CC.LXXXIX. Com licença da Real Meza da comissão geral, sobre exame, e censura dos livros.
- DICIONARIO da língua portugueza**. Por Antonio de Moraes Silva (natural do Rio de Janeiro) oitava edição revista e melhorada. Volume I – A-E. Editora empreza litteraria Fluminense de A. A. Silva Lobo, 1890.
- LACERDA, Dr. Joaquim Maria de Lacerda. **Curso Methodico de Geographia** – Physica, Politica e Astronomica. Composto para uso das escolas brazileiras. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa do editor, 1884.
- LACERDA, Dr. Joaquim Maria de. **Resumo de Chorographia do Brazil**. BRAZIL. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1887.
- PINTO, Alfredo Moreira. **Chorographia do Brasil**. Curso Superior. Rio de Janeiro-São Paulo: Livraria Classica de Alves & Cia, 1883.
- \_\_\_\_\_. **Corografia do Brasil**. Curso Superior. Rio de Janeiro-São Paulo: Livraria Classica de Alves & Cia, 1895.

TAMBARA, Elomar. **Bosquejo de um Ostensor** – Repertório de Textos Escolares utilizados no ensino primário e secundário no Século XIX no Brasil. Pelotas: Seiva Publicações, 2003.

BRASIL, Thomáz Pompêo de Souza. **Compendio elemental de Geographia geral e especial do Brasil**. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1864.